

## **INVESTINDO NUMA PSICOLOGIA NÃO-FASCISTA**

**Bruno Robson de Barros Carvalho**

*brunorobson@outlook.com*

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio São Francisco. brunorobson@outlook.com.

**Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas**

*crisamaz@gmail.com*

Doutora em Psicologia pela Universidade de Deusto. Docente do Programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco.

## **INVESTINDO NUMA PSICOLOGIA NÃO-FASCISTA**

### **INVESTING IN A NON-FASCIST PSYCHOLOGY**

### **INVERTIR EN UNA PSICOLOGÍA NO FASCISTA**

#### **RESUMO**

Neste artigo temos por objetivo discutir a participação da Psicologia no projeto da modernidade. O progresso do projeto moderno é marcado pelo genocídio dos povos originários e de negros africanos tornados escravos e continuado a necropolítica como regime da humanidade branca europeia. Para tanto, a ciência psicológica será situada como instrumento de produção de corpos e subjetividades. Tendo como pano de fundo considerações acerca do fim do mundo necropolítico, tomamos a experiência de 8 profissionais de psicologia atuantes no enfrentamento a LGBTfobia como *lumus* para caminhar na direção de uma Psicologia não-fascista cuja prática é comprometida ética-estética-politicamente com a complexidade do presente.

Palavras-chave: Psicologia; Modernidade; Necropolítica; Fim do Mundo; Experiência.

## ABSTRACT

In this article we aim to discuss the participation of Psychology in the project of modernity. The progress of the modern project is marked by the genocide of the original peoples and black Africans made slaves and continued necropolitics as a regime of white European humanity. To do that, psychological science will be situated as an instrument for the production of bodies and subjectivities. Against the background of considerations about the end of the necropolitical world, we took the experience of 8 psychology professionals working in coping with LGBTphobia as *lucus* to move towards a non-fascist Psychology whose practice is compromised ethically-aesthetically-politically with the complexity of the present.

Keywords: Psychology; Modernity; Necropolitics; End of the World; Experience.

## RESUMÉN

En este artículo pretendemos discutir la participación de la Psicología en el proyecto de modernidad. El avance del proyecto moderno está marcado por el genocidio de los pueblos originarios y negros africanos que se convirtieron en esclavos y la necropolítica continuó como régimen de la humanidad blanca europea. Por tanto, la ciencia psicológica será considerada como un instrumento para la producción de cuerpos y subjetividades. En el contexto de las consideraciones sobre el fin del mundo necropolítico, tomamos la experiencia de 8 profesionales de la psicología que trabajan para enfrentar la fobia LGBT como un *lucus* para avanzar hacia una psicología no fascista cuya práctica esté comprometida éticamente-estéticamente-políticamente con la complejidad del presente.

Palabras clave: Psicología; Modernidad; Necropolíticos; Fin del mundo; Experiencia.

## INTRODUÇÃO

### *A PSICOLOGIA E O PROJETO FASCISTA MODERNO*

Neste escrito a ciência psicológica será considerada como uma tecnologia do projeto da modernidade. Tomamos as considerações do sociólogo Nikolas Rose (2011) de que a Psicologia não é um mero sistema de significados, um discurso, mas sim:

... um conjunto de artes e habilidades acarretando a conexão de pensamentos, afetos, forças, artefatos e técnicas, que não simplesmente manufaturam e manipulam, mas que, mais fundamentalmente, organizam o ser, estabelecem seus limites, produzem-no, tornam-no pensável como um modo de existência que deve ser tratado de uma forma particular (Rose, 2011, p. 82).

Nosso interesse não é o de limitar as possibilidades interpretativas da Psicologia, mas sim, ressaltar seu papel notável dentro do projeto da modernidade. Considerando que a partir do século XVIII temos o Estado como matriz moderna individualizante, não mais interessada na salvação pós vida e sim, assegurá-la neste mundo. Para tanto, diferentes instituições de governo dos corpos são articuladas, por exemplo, o hospital, a polícia, a família, a escola, a prisão, a economia, tendo como objetivo o desenvolvendo de um saber-poder sobre o humano que fosse global e quantitativo, concernente a população e, ao mesmo tempo, analítico, referente ao indivíduo (Foucault, 1995).

De acordo com Luís Claudio Figueiredo (2007), em sua investigação sobre o nascimento do psicológico, a ciência psicológica esteve intimamente comprometida com a realização do projeto da modernidade ao tornar-se a disciplina responsável pela soberania do sujeito. Esmiuçando tal compromisso, Nikolas Rose (2011) ao produzir sua história crítica da Psicologia, expõe que para ascender ao status de ciência, a Psicologia precisou voltar-se à verdade. Não qualquer verdade, mas aquela objetiva advinda da estatística e do experimento nos moldes das ciências naturais. Tal busca por credibilidade concretizou-se pelo efeito da invenção do “sujeito psicológico”, ou seja, aquele cuja interioridade está enquadrada em dados estáveis, calculáveis e passíveis de repetição.

Os resultados prometiam tornar inteligíveis a conduta das pessoas, funcionando como efeitos de verdade generalizáveis. A ciência psicológica inventa/conquista para si o poder de ordenar a realidade seguindo sua taxonomia, respondendo aos anseios modernos de controle e adequação dos sujeitos (Rose, 2011).

De certo modo, toda história da psicologia foi influenciada pela assimilação da subjetividade à noção de interioridade. Uma das consequências dessa formulação foi a tendência de segmentação dos estudos psicológicos em relação aos estudos sociais, ou seja, uma divisão disciplinar. A disciplina da psicologia tomou, assim, seu objeto de estudo, a subjetividade interiorizada, de modo desconectado em relação ao espaço social, apresentando um solipsismo desde seu nascimento oficial como ciência (Ferreira Neto, 2011, p. 54).

Considerando a desconexão para com o mundo social e o avanço disciplinar cartesiano das ciências psicológicas, não podemos deixar cair no esquecimento que no fim do século XIX e adentrando o XX a expertise psi esteve intrinsecamente ligada às estratégias eugenistas, colocando seu saber-poder em prol da regulação de indivíduos e populações na Alemanha nazista, na União Soviética e nos estados comunistas da Europa Oriental (Rose, 2011).

A dominação europeia, desde a colonização, tinha como argumentos ideias psicológicas e decorrentes teorias utilizadas para controlar, higienizar, diferenciar, categorizar, seja para docilizar indígenas, para moralizar comportamentos, disciplinar escolas e degenerar raças no império, para ajudar a achar o “homem certo para o trabalho certo” no período de industrialização, seja na produção de testes psicológicos no período das grandes guerras mundiais (Bock, 2003).

A ciência psicológica como uma das garantidoras do projeto de modernidade deve ser sempre lembrada pela realização profícua de genocídios dos variados povos milenares das Américas e de África. A expansão do mundo europeu foi construída sobre a destruição de outros mundos, efetivando hoje a impressão de que somos o apogeu da evolução, a dita humanidade, a civilização moderna.

Ferreira Neto (2007), ao se debruçar sobre as práticas clínicas numa perspectiva foucaultina, afirma que a clínica desenvolvida pela psicologia, pela psicanálise e pela medicina, na maioria das vezes, deve ser entendida como práticas disciplinares, ao passo que, a possibilidade de produção de autonomia é uma exceção à regra. Até quando seremos os técnicos do desejo abraçados ao fascismo?

A Psicologia Moderna é auxiliar no projeto destruidor de mundos e singularidades. Nesse sentido, Alexandre Marques Cabral (2018), ao refletir sobre a prática psicológica hoje, questiona para que serve uma Psicologia produtora continuamente sujeição existencial, principalmente sujeição as identidades metafisicamente concebidas.

Afinal, para o que é chamado o psicólogo hoje? Ainda para ajustar condutas aos moldes de sucesso e segurança, unanimidade e consenso que predominam como verdades e normalidade no contemporâneo? Para acalmar crianças, pacientes hospitalizados, funcionários insatisfeitos com o trabalho etc.? Para ensinar como ser extrovertido, forte, bem-sucedido, um vencedor? Para dizer quem se é, como adivinho que apenas olha e já sabe tudo sobre o outro, muito mais do que o próprio? Como aquele aconselha e dá a direção, que diz como viver? Aponta caminhos e fornece fórmulas de felicidade? Que corrige as falhas a fim de que o indivíduo funcione 100%? Une casais ou os separa, dependendo do que define como sendo o melhor para ambos? Decide, como um juiz psi, com quem os filhos devem ficar porque essa é a sua opinião como especialista que sabe mais da situação do que os próprios protagonistas? Sana dúvidas, afasta mal-estares, aponta soluções, pautado no saber sobre o outro e comunicar-lhe esse saber? (Mattar, 2016, p. 307-308)

Seguindo na esteira de tais apontamentos, pensemos a partir de Foucault (1977), onde o fascismo não se limita as expressões de Hitler ou Mussolini. Ele é nosso inimigo maior, “o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora” (Foucault, 1977, parágrafo 9).

## **MÉTODO**

### *FATOS, FICÇÕES E AFETOS*

É claustrofóbico e inquietante colocar a Psicologia num lugar – que é seu por mérito – tão produtor de violência. Há escapatória? Neste artigo temos como objetivo discutir sobre a participação da Psicologia no projeto de modernidade. Para tanto, a ciência psicológica foi situada como instrumento de produção de corpos e subjetividades.

Por fim, descortinaremos a possibilidade de pensar uma Psicologia não-fascista cuja prática é comprometida ética-estética-politicamente com a complexidade do presente.

Narramos por meio de uma escrita investida na sua função etopoiética, uma função estética e política de criação de si, demarcando alteridades, transformando aquele que escreve enquanto escreve (Foucault,1983/2014). A narrativa desta comunicação tem como origem a tese de doutorado em Psicologia Clínica, “Por uma psicologia não-fascista para um mundo catastrófico: a experiência de profissionais de psicologia face a LGBTfobia”, a qual investigou a experiência de ser profissional de psicologia face à violência motivada pela orientação sexual e/ou identidade de gênero.

A obra foucaultiana nos possibilita entender experiência para além do que nos acontece, mas uma trama complexa entre saberes, relações de poder e subjetividades, situada no tempo e na cultura (Foucault, 1984/2014). Mas não só, a experiência foucaultiana tem como marca a transformação daquele que experiência (Foucault, 1980/2010).

Caminhando em direção às experiências, foram realizadas entrevistas narrativas com oito profissionais de psicologia<sup>1</sup> que responderam à questão: Como foi/é sua experiência enquanto psicóloga/psicólogo atuando em serviços de enfrentamento à homofobia?

Somaram-se outras produções discursivas entre 473 fotos, 199 áudios e 5 diários configuraram fatos, ficções e afetos os quais direta ou indiretamente, foram costurados nas linhas de argumento e análise da pesquisa, entre saberes, jogos de poder e intersubjetividades (Carvalho, 2020).

Rompendo com a dicotomia entre sujeitos pesquisados e pesquisador; atravessados pelas histórias de genocídio dos povos tradicionais, da brutalização sobre os corpos negros, do colapso climático, do impeachment de Dilma Rousseff, das eleições presidenciais de 2018 e do início do governo Bolsonaro, ousamos questionar: o que as narrativas das profissionais de psicologia faz sentir?

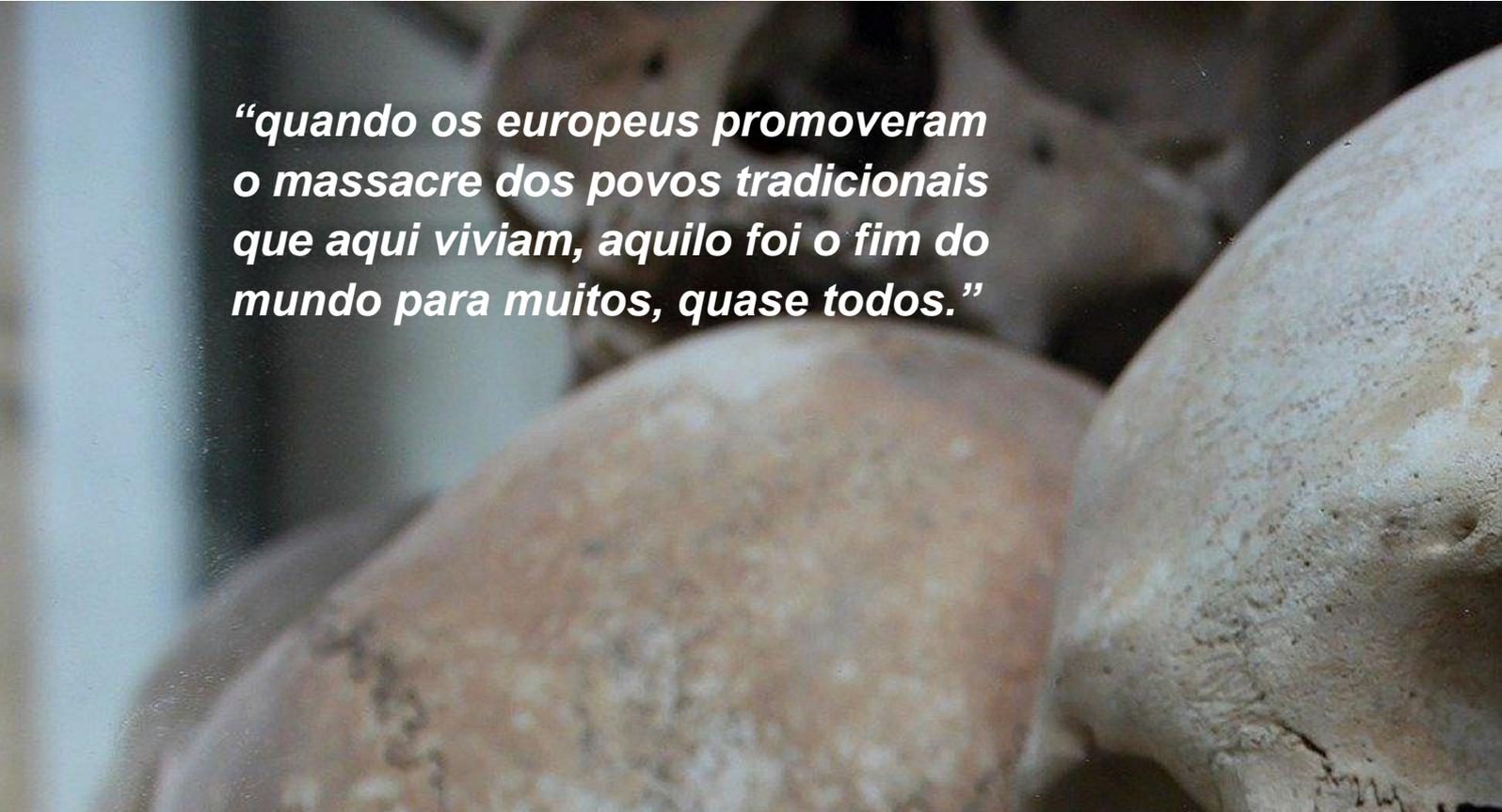
## DESENVOLVIMENTO

### *O FIM DO MUNDO*

O mundo ao qual nossos sentimentos fazem referência é o espaço de tempo entre 2015 e início de 2020, período da pesquisa, anterior a Pandemia de Covid19. Enquanto a pesquisa acontecia todas as esferas da sociedade entravam em crise e colapsavam, e já marcava nossos corpos com extrema indigência, violência e morte.

O mundo já encontrava num colapso climático. Geleiras inteiras derreteram, ecossistemas totalmente poluídos, espécies extintas. O historiador Yuaval Harari (2019), a filósofa Donna Haraway (2016), o antropólogo Bruno Latour (2014) e a ativista Greta Thunberg já nos alertavam sobre o Antropoceno, a Era do Homem, momento histórico-geológico onde os humanos ascenderam a deuses. O homo sapiens tornado Senhor do mundo, capaz de conceder vida e provocar morte.

O líder indígena e antropólogo Ailton Krenak (2019) nos lembra que os mundos acabam com alguma frequência, no século XVI, quando os europeus promoveram o massacre dos povos tradicionais que aqui viviam, aquilo foi o fim do mundo para muitos, quase todos. O autor reaviva em nós o fato de que hoje só restam entre 2% e 10% da população indígena em comparação com 1500 (Brasil, 2010).



***“quando os europeus promoveram o massacre dos povos tradicionais que aqui viviam, aquilo foi o fim do mundo para muitos, quase todos.”***

Por sua vez, o Conselho Indígena Missionário (2018) traz a luz dados de 128 casos de suicídios em 2017, numa média de 45 suicídios por ano desde 2000; 110 casos de homicídios e 702 mortes infantis, expondo a insegurança dos povos indígenas no que concerne a direitos individuais e coletivos e o constante investimento em violações contra a dignidade desses povos.

O genocídio o qual nos funda e coloniza como país dor é seguido por 349 anos de escravidão dos povos africanos, oficializada nas leis e pela Igreja Católica. O site “slavevoyagers.org”, criado para mapear o tráfico transatlântico de escravos, levantou que cerca de 1.730.069 (um milhão, setecentos e trinta mil e sessenta e nove) de negros africanos foram enviados para a Bahia escravizados; no caís do Recife, 824.313 desembarcaram para trabalhar forçosamente, principalmente, nas plantações de cana de açúcar e morrerem da exaustão laboral ou pela violência exercida sobre seus corpos por aqueles que alegavam serem seus donos (Carvalho, 2020).

Dados apresentados pela Fundação Perseu Abramo revelam sem muita surpresa o contexto no qual 78,5% dos mais pobres são negros, os ricos são em 72,9% brancos (Oliveira, 2018). Ou seja, pretos são os mais pobres e morrem pela exaustão de seus muitos trabalhos ou pela violência exercida contra seus corpos por aqueles que alegam proteger o cidadão de bem. No Brasil, onde cavar brota sangue!



Circulam pelo Brasil discursos os quais afirmam categoricamente que o racismo sequer existe. Em 2018, quando se encontrava na disputa presidencial, Jair Bolsonaro diz: *“Isso não pode continuar existindo. Tudo é coitadismo. Coitado do negro, coitado da mulher, coitado do gay, coitado do nordestino, coitado do piauiense. Vamos acabar com isso”* (sic)<sup>2</sup>.

Podemos conduzir nosso pensamento enxergando com mais nitidez as violências repetidas e as repetidas violências sobre um heterogêneo espectro de corpos colocados à margem, empurrados para a abjeção, tornados indigentes pelo Estado brasileiro. A estrutura estatal está fundamentada numa guerra constante e sanguinária contra a diferença presente na sua população, uma vez que, quanto mais o corpo se afasta das demarcações homem-branco-cis-hétero-classe média/alta, mais marcas são produzidas pela via da violação.

Nesse ponto, Foucault (1976/2010) nos auxilia ao entender o racismo como um mecanismo de biopoder, dispositivo de ação sobre corpos e vidas, o qual produz as condições de aceitabilidade do exercício de poder direto ou indireto de tirar uma vida. O historiador Achille Mbembe (2016) se utiliza do pensamento de Foucault para pensar uma necropolítica a partir dos processos de colonização e escravidão. O autor explicita que a morte e o assassinato estavam autorizados porque os “selvagens” não se equiparariam aos colonizadores seja racionalmente seja moralmente.

A relação entre os Estados Modernos e as populações colonizadas se mostra, assim, uma necropolítica, delineia-se aqui uma evidente divisão política entre aqueles que devem viver e aqueles que devem morrer (Medeiros, 2019). Nesse sentido, ressaltamos que a necropolítica é racializada, mas não somente. Abarca, também, as experiências dos corpos/subjetividades desempregados, descartáveis, favelados, imigrantes, assim como em contextos agudos, podemos acrescentar: mulheres, gays, trans, drogaditos, esquizofrênicos etc.” (Pelbart, 2018, p.16).

O fim do mundo é sentido/percebido de formas diversas. Nossa intenção é registrar que é o mundo moderno necropolítico que desaba sobre nossos corpos e subjetividades. Krenak (2019), ao nos avisar que mundos já acabaram, nos convida a perceber que continuamos, assim como os povos originais, apesar dos investimentos na nossa destruição.

#### *FACE À FACE COM A LGBTFOBIA*

Infelizmente não contamos no Brasil com uma base de dados que possibilite uma leitura aprofundada sobre as violações perpetradas contra a população LGBT. Aqueles lidos como não-hetero-cisgêneros são também marcados pela *outridade* em relação ao “sujeito de bem”. Até 2019 o crime de homofobia sequer existia, sendo equiparado ao crime de racismo pelo Supremo Tribunal Federal no dia 13 de junho de 2019, alegando inércia e omissão por parte da Câmara dos Deputados e do Senado mediante tal contexto.

Contudo, em consonância com ações mundiais, o Brasil lançou em 2004 o “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual”, fruto da articulação entre Governo Federal e a Sociedade Civil Organizada. Objetivava promover a cidadania da população LGBT+, pela via da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas (Brasil, 2004). Dentro do programa de ações do “Brasil Sem Homofobia”, o item 11º volta-se para as bases da política contra racismo e homofobia e elenca a criação de instrumentos técnicos para diagnóstico e avaliação das múltiplas formas de discriminação.

No estado de Pernambuco, o programa começou sendo executado pela ONG Movimento Gay Leões do Norte (Pernambuco, 2014). Após a responsabilidade ser passada ao Governo do Estado de Pernambuco a execução se deu através da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, no âmbito da sua Secretaria Executiva de Justiça e Direitos Humanos, dando início em 2009/2010, ao processo de implantação do Centro Estadual de Combate à Homofobia.

As profissionais de psicologia entrevistadas possuíam prática profissional nesses aparatos de combate a homofobia. A Psicologia foi colocada face à face com a LGBTfobia. Aurora, uma de nossas interlocutoras narra seu impacto inicial:

*Aurora: “Pois é, eu lembro que uma das primeiras coisas de quando eu comecei a trabalhar lá é que não tinha parâmetro nenhum. Eu não conhecia ninguém que tinha feito esse tipo de trabalho. E aí, fui fazendo levantamento bibliográfico, fui assistindo muitos vídeos, localizei, que eu não sabia da existência, aquela cartilha do CFP “Diversidade Sexual”, e aí eu devorei aquilo no sentido de me dar sustentação no que eu estava fazendo. . . Eu sabia que a proposta era de que a gente não fizesse psicoterapia lá. O meu trabalho como psicóloga lá foi também ajudar a estruturar minimamente uma rede de referência básica” (sic).*

No imaginário coletivo profissionais de psicologia são reduzidos, muitas vezes, a psicoterapeutas, aqueles que atendem num belo consultório, com hora marcada e semanalmente. Esta fábula construída e alimentada historicamente visto que após a regulamentação da profissão no Brasil, em 1962, os profissionais se isentaram de discutir problemas e projetos sociais, visto que seu objeto de trabalho era o psicológico reduzido ao intrapsíquico (Bock, 2003).

O encontro da Psicologia com populações tornadas indigentes se dá a partir de 1980, com a redemocratização, a Constituição Cidadã, o reconhecimento e o investimento no combate a problemas sociais, sendo assim, o campo das políticas públicas tornou-se grande empregador de profissionais das ciências humanas, sociais e da saúde (Ferreira Neto, 2011).

*Paloma: “Eu sempre vou numa postura, desde sempre, de que as teorias, elas dão uma base, mas não é através delas que eu vou ver o sujeito. Ele que vai dizer para mim quem é, como é e é a partir dele que eu vou sentir como fortaleço ele, onde é que ele precisa falar de alguma dor, mas muito sem tá diagnosticando ou enquadrando numa perspectiva teórica. Não! Ela me dá ferramentas para vislumbrar, mas quem vai me dizer é esse sujeito, então eu vou sempre nessa perspectiva” (sic).*

No contexto das políticas públicas, uma prática psicológica interessada apenas na interioridade não se mostra eficaz, visto que se lida com um público cada vez mais diversificado e plural. Se antes os psicólogos e psicólogas eram senhores e senhoras de seus consultórios, agora eles e elas estavam no encontro cotidiano, constante e permanente com outras perspectivas de homem e de mundo.

De acordo com Ferreira Neto (2011), a subjetividade passou a ser compreendida não como interioridade, mas efeito de uma rede de processos que, não é determinado pelo social, mas conectado ao mundo, ao tempo e ao espaço, ou seja, remete a um sujeito nascido das tensões dos processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos...

Jai: *“Eu venho aprendendo muito com isso e eu venho me fazendo psicólogo nesse lugar. Cada vez mais eu me reconheço, às vezes, eu acho que faço coisas que as pessoas acham que eu não deveria fazer como psicólogo, que as pessoas acham que psicólogo não pode fazer isso. Coisas como as que eu disse aqui que não ferem à nossa ética, claro, de modo algum. Mas eu faço porque eu acho que eu sou gente. Eu não faço por, é muito bom deixar claro, eu não faço ‘por’, eu faço ‘com’ a pessoa. “Você quer fazer sua matrícula?”, “Quero”, então você vai comigo. Você vai comigo e quem vai falar é você. Eu é que vou com você. Estou lá para te acompanhar, caso você precise de alguma coisa, caso você seja negada, caso não te respeitem, eu estou lá, nesse sentido. Mas é você quem vai fazer, você quem vai pedir, é você quem vai dizer seu nome, você quem vai dar seus documentos, vai dizer o horário que quer, não sou eu que vou dizer, eu vou tá lá com você, mas é você quem vai fazer. Então, acho que é isso” (sic).*

Diante do cotidiano face a face com a LGBTfobia, Jai nos narra sobre fazer-se psicólogo não a partir do que outros acham, mas sim, a partir de um posicionamento ético, político e estético de “fazer com”. A pergunta de Cristine Mattar (2016), - Afinal, para o que é chamado o psicólogo hoje? – encontra eco na narrativa de Jai, uma prática psicológica não fascista que “faz por”, mas um profissional de psicologia que possibilita ao outro falar seu nome e que se impõe diante dos processos de negação os quais tornam corpos e subjetividades indigentes.

A experiência de ser profissional de psicologia em face à LGBTfobia diz não apenas sobre o modo como a Psicologia e a prática psicológica podem ser reinventadas. Lembremos: “uma experiência é alguma coisa que nos faz sair transformados” (Foucault, 1980/2010).

Gabriela: *“Acho que posso falar algumas coisas do quanto essa experiência foi transformadora para mim. Foi muito transformadora! Especialmente com relação à transexualidade. . . Bom, mas o que eu ia dizer é isso, como psicóloga de classe média eu não tinha tido acesso a conviver com pessoas trans, a não ser em atividades pontuais, oficinas que eu já tinha feito, alguma coisa assim, projeto de extensão, enfim. Mas conviver com uma pessoa trans foi transformador, sabe? De verdade, assim, a própria compreensão de que uma mulher trans é uma mulher, eu já tinha simpatia por isso, mas talvez eu não defendesse com tanta força como eu defendo hoje, sabe? Conviver, ter uma colega de trabalho trans foi transformador e eu já me dava conta disso no processo. E aí, a coisa de a gente viajar juntas, de às vezes precisar dividir quarto e tal, você acaba lidando inclusive com o corpo, você acaba convivendo com um corpo diferente. Nas viagens a gente conversava muito e aí ela falava da experiência dela de ser uma mulher trans e para mim foi muito especial”* (sic).

A profissional narra de um processo de insurgência de si como efeito ter se relacionado e sido afetada por uma mulher trans. Produzindo a si no acompanhar, inventando práticas, socializando e afetando-se no caminho. Deslocando-se em direção ao outro a cada violência enfrentada, revisando conceitos, repensando as práticas já conhecidas, reposicionando afetos e a si mesmos como efeitos dessa experiência (Carvalho, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### *POR UMA PSICOLOGIA NÃO-FASCISTA*

Neste artigo discutimos a implicação da ciência psicológica no projeto da modernidade. Sua dedicação prática e científica da Psicologia, historicamente, atuou como dispositivo voltado a produção de corpos e subjetividades quantificáveis e repetíveis, reduzindo a complexidade humana a sua interioridade.

O mundo contemporâneo parece chegar ao fim diante de nossos olhos e a necropolítica atuante sobre corpos indigentes faz nossas percepções ainda mais estarrecedoras. Se faz urgente que repensemos nossa relação de Homo Sapiens com as demais formas de vida, incluindo os outros humanos.

Investindo num projeto de Psicologia não-fascista o qual desvelam teorias e práticas engajadas ética-política-esteticamente na produção de modos de ser (sujeito e profissional de psicologia) não mais subjugados aos imperativos humanistas, identitários e civilizatórios. Uma prática psicológica interessada em deslocar as práticas clínicas do campo epistemológico para o campo ético (Ferreira Neto, 2007). Poderemos, então, adentrar o campo de possibilidades que emerge ao considerarmos uma clínica pautada na ética do cuidado de si.

O cuidado de si é falado por Foucault (1984/2014) a partir do campo das práticas de liberdade. Ramon Brandão (2015), debruçado sobre as considerações foucaultianas em torno da estética da existência, caracteriza: “a liberdade é da ordem dos *ensaios*, das *experiências*, dos *inventos*, conduzidos pelos próprios sujeitos que, tomando a si mesmos como objeto, inventarão seus próprios destinos” (Brandão, 2015, p. 382, grifos do autor).

Que a experiência dos profissionais de psicologia no enfrentamento à LGBTfobia nos forneça amparo diante do mundo que rui e, principalmente, nos possibilite caminhar menos apaixonadamente com nosso maior inimigo, o fascismo cotidiano que nos habita.

Investindo numa Psicologia não-fascista produtora de resistência às técnicas de controle e práticas de normatização e criadora “com” o outro de práticas inventivas de si, entendendo a liberdade como uma construção provisória, parcial e precária.

## NOTAS

1 - No percurso da pesquisa os profissionais de psicologia tiveram a oportunidade de escolher os nomes pelos quais queriam ser chamados visando resguardar suas identidades.

2 - Carta Capital (2018). **Bolsonaro em 25 frases polêmicas**. Recuperado de <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>.

## REFERÊNCIAS

- Brandão, R. T. P. (2015). Foucault: uma introdução às artes da existência. *Interespaço: revista de geografia e interdisciplinaridade*, v. 1, n. 3, pp. 379- 391.
- Brasil (2004). *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. – Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil (2010). IBGE. *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. Recuperado de [https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena\\_censo2010.pdf](https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf).
- Carvalho, B. R. B. (2020). *Por uma psicologia não-fascista para um mundo catastrófico: a experiência de profissionais de psicologia face a lgbtobia*. 178 f. Tese (Doutorado). Doutorado em Psicologia Clínica, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Bock, A. M. B. (2003). A Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (pp. 15-28). São Paulo: Cortez.
- Cabral, A. M. (2018). *Psicologia pós-identitária: da resistência à crítica das matrizes cristãs da psicologia moderna*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Conselho Indígena Missionário (2018). *Relatório violência contra os povos indígenas no Brasil: dados de 2017*. Recuperado de [https://cimi.org.br/wpcontent/uploads/2018/09/Relatorio-violencia-contra-povos-indigenas\\_2017-Cimi.pdf](https://cimi.org.br/wpcontent/uploads/2018/09/Relatorio-violencia-contra-povos-indigenas_2017-Cimi.pdf).
- Ferreira Neto, J. L. (2007). Artes da existência: Foucault, a psicanálise e as práticas clínicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 23, nº 2, pp. 177-184.
- Ferreira Neto, J. L. (2011). *Psicologia, políticas públicas e o SUS*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fapemig.
- Figueiredo, L. C. (2007). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. (7a ed.). São Paulo: Escuta.
- Foucault, M. (1966/2016). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. (10a ed.). São Paulo: Martins Fontes – selo Martins.
- Foucault, M. (1977). Preface. In Gilles Deleuze & Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia* (pp. XI-XIV). New York: Viking Press. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo VeigaNeto. Recuperado de [http://www.coloquioufoucault2008.mpbnet.com.br/por\\_uma\\_vida\\_nao\\_fascista.html](http://www.coloquioufoucault2008.mpbnet.com.br/por_uma_vida_nao_fascista.html).
- Foucault, M. (1980/2010). Conversa com Michel Foucault (Entrevista com D. Trombadori). In M. B. da Motta (Org.), *Ditos e Escritos, volume VI: repensar a política* (pp. 289-347). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1984/2014). A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In M. B. da Motta (Org.), *Ditos e Escritos, volume V: ética, sexualidade, política* (3a ed., pp. 258-280). Rio de Janeiro: Forense Editora.
- Foucault, M. (1995). O Sujeito e o poder. In H. Dreyfus & P. Rabinow, Michel *Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Harari, Y. N. (2019). *Sapiens – uma breve história da humanidade*. (46a ed.). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Haraway, D. (2016). Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom*, ano 3, n 5, pp. 139-146.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Latour, B. (2014). Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, vol. 57, n 1, pp. 11-31.
- Mattar, C. M. (2016). *Psicologia, cuidado de si e clínica: diálogos com Kierkegaard e Foucault*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, nº 32, pp. 123-151.

- Medeiros, E. S. (2019). Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. *Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2019 abr.-jun.;13(2):287-300.
- Oliveira, A. L. M. (2018). Negros são 78% entre os mais pobres e somente 25% entre os mais ricos. *Fundação Perseu Abramo*. Recuperado de <https://fpabramo.org.br/2018/11/30/negros-sao-78-entre-os-mais-pobres-e-somente-25-entre-os-mais-ricos/>.
- Pelbart P. (2018). *Necropolítica tropical: fragmentos de um pesadelo em curso*. Série Pandemia. São Paulo: N-1 Edições.
- Pernambuco. Centro Estadual de Combate à Homofobia. (2014). *Protocolo de atendimento às demandas LGBT acompanhadas pelo Centro Estadual de Combate à Homofobia 2012-2013*. Recife: Secretária de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos.
- Reigota, M. (2016). Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In R. Cordeiro, & L. Kind (Orgs.), *Narrativas, gênero e política* (pp. 49-66). Curitiba: CRV.
- Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

#### COMO CITAR ESTE TEXTO

Carvalho, B. R. B. & Amazonas, M. C. L. A. (2021). Investindo numa psicologia não-fascista. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 01, 89-106.

RECEBIDO EM: 31/03/2021  
APROVADO EM: 19/04/2021